

POR UMA PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA. TEORIZAÇÃO E PRÁTICA. SOBRE A CONSTRUÇÃO DA *ENCICLOPÉDIA AUDIOVISUAL VIRTUAL DE ANÁLISE DO DISCURSO E ÁREAS AFINS**

Bethania Mariani^a

Giovana C. C. de Mello^b

RESUMO

Partindo da retrospectiva das formas de constituição dos saberes sobre as línguas e do trabalho teórico que articula a Análise do Discurso, discute-se a *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e em Áreas Afins*, criada pelo LAS/UFF, e o processo de sua tradução por meio da parceria com o Labestrad/UFF, objetivando a divulgação científica de vídeo-verbetes com legendagem em inglês, francês e espanhol.

PALAVRAS-CHAVE:

enciclopédia; discurso de divulgação de ciência; tradução e legendagem

Recebido em: 15/04/18

Aprovado em: 07/09/18

* Este artigo, em sua versão preliminar, foi apresentado em dois congressos ao longo de 2017: XI Congresso Internacional de La Sociedad Española de Historiografía Lingüística – XI Congreso SEHL, realizado pelo Instituto de Lingüística de La Facultad de Filosofía y Letras de La Universidad de Buenos Aires, Argentina, entre 19 a 21 de abril, e VI Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa – VI SIMELP, no Instituto Politécnico de Santarém, Portugal, entre 24 a 28 de outubro.

^a Professora Titular do GCL/UFF, pesquisador 1C do CNPq, Coordenadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS – UFF), Idealizadora e Coordenadora do Projeto *Produção da enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica*, contemplado pelo edital Universal MCTI/CNPq 01/2016.

^b Professora Adjunta do GLE/UFF, Coordenadora Geral do Labestrad/UFF e Coordenadora da equipe de Inglês do Labestrad/UFF, Coordenadora Adjunta do Projeto *Produção da enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica*, contemplado pelo edital Universal MCTI/CNPq 01/2016.

Introdução

O projeto intitulado *Produção da enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica* é desenvolvido desde março de 2017, na Universidade Federal Fluminense, pelo Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF),¹ em parceria com o Laboratório de Estudos da Tradução (Labestrad/UFF),² com recursos do CNPq via edital Universal. Com esse projeto, colocam-se duas discussões: traduzir e legendar o discurso científico visando à divulgação de ciência em meio digital e o funcionamento das tecnologias da linguagem, as quais têm, ao longo de séculos, revolucionado o modo de o homem se relacionar com o mundo. Cumpre destacar que esse é um dos campos de reflexões que vêm sendo formulados por analistas de discurso e por pesquisadores em História das Ideias Linguísticas, que trabalham com Orlandi (2001), Guimarães (2001) e Auroux (1992) há mais de três décadas.

O objetivo geral do projeto é elaborar e organizar verbetes para uma enciclopédia audiovisual virtual de Análise do Discurso e áreas afins. Nossa proposta é dar a palavra ao pesquisador, seguindo os passos de outras iniciativas já existentes, como a de revistas *on-line*, a saber: *ComCiência*, produzida pelo LABJOR/UNICAMP, e *Revista Científica Ciência em Curso*, da UNISUL. Ambas incluem distintas mídias (áudio, imagem, fotografias, *links*) visando uma interação com os leitores, ou internautas, como explicam as idealizadoras da revista *Laboratório Ciência em Curso* (FLORES et alii, 2012). Em termos específicos, com a forma de uma enciclopédia virtual, objetiva-se a divulgação de termos, conceitos e pesquisas realizadas em Análise do Discurso, uma área do saber que discute os processos históricos de constituição dos sentidos. Para viabilizar o formato de enciclopédia audiovisual proposto, pesquisadores convidados são filmados enquanto

¹ O LAS/UFF foi fundado em 2009 a partir da iniciativa de três professoras: Bethania Mariani, Vanise Medeiros e Silmara Dela Silva. As atividades e pesquisas desenvolvidas pelo LAS podem ser observadas em www.uff.br/LAS.

² O Labestrad/UFF foi fundado em 2013 como projeto de extensão e, desde 2015, é composto por seis equipes (inglês, francês, espanhol, alemão, italiano e russo), das quais duas participam do projeto de legendagem: i) inglês: Professoras Giovana Mello e Vanessa Hanes; ii) francês: Profa. Mônica Fiúza.

apresentam oralmente, em cinco ou seis minutos, um determinado verbete por eles próprios escolhidos. A divulgação, até o momento, vem sendo através do canal UFFTube, um suporte midiático da Universidade Federal Fluminense que funciona à semelhança do *youtube*. Faz parte do projeto a organização de um sítio na internet para 1) abrigar os verbetes em sua forma escrita; 2) a produção bibliográfica vinculada ao trabalho, como outros projetos e tomadas de decisão relativas ao processo de tradução e legendagem; 3) *links* para os vídeo-verbetes; 4) *links* para livros publicados tendo em vista a permanente discussão teórica sobre produção e circulação de conhecimento.

Cumpra mencionar que, em sua primeira etapa, finalizada em 2016, o projeto recebeu recursos da FAPERJ concedidos via edital Humanidades. Os primeiros verbetes filmados com apoio FAPERJ podem ser acessados no endereço <http://ufftube.uff.br/user/LAS>. O livro com a discussão teórica e os resultados pode ser lido em <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo?start=17>.

A parceria com colegas professores que atuam em tradução e coordenam o Labestrad/UFF visa investir na divulgação de ciência. Assim, aos verbetes da enciclopédia objetiva-se incorporar a legendagem em português, em inglês, em francês e em espanhol como forma de alcançar, sobretudo, os estudos de linguagem realizados nas Américas. Um ganho significativo do projeto é também o desenvolvimento de uma práxis de caráter reflexivo e formativo para os alunos de Letras no campo dos Estudos da Tradução, mais especificamente relativos à tradução e à legendagem.

Produção de conhecimento, educação e divulgação de ciência

A base teórica da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1969, 1975; ORLANDI, 1983) inscreve-nos na compreensão da linguagem como objeto simbólico, em que se constituem sujeito e sentidos desde sempre imersos na historicidade e na memória. De acordo com o ponto de vista discursivo, o sujeito enuncia a partir de posições que não são transparentes, tendo em vista seu assujeitamento à ideologia, em seus processos de produção de evidências de sentidos e de ilusão do sujeito como origem de um dizer supostamente por ele controlável. Por outro lado, a contradição faz parte da história, as tensões regulam o todo social, e, ao enunciar, o sujeito sempre pode tropeçar nos

lapsos, produzindo equívocos nos processos de significação estabilizados pelo funcionamento da ideologia. Em Análise do Discurso, trabalha-se com a ideia da não completude da língua e com o fato de que a ordem da língua é sujeita a falhas. Há real na história e na língua, ou seja, um impossível que marca justamente que a contradição constitui os processos históricos e que nem tudo é possível de ser dito. Para a Análise do Discurso, o real da história e o real da língua remetem para o impossível do tudo dizer e do tudo controlar. Mesmo assujeitado, o sujeito resiste; mesmo repetindo, o sujeito resiste e pode dizer diferente. Como isso afeta a produção científica? Como isso afeta os processos de divulgação científica e de ciência? Como isso afeta a legendagem da produção científica? Esses são alguns dos questionamentos que acompanham a equipe em seu percurso de organização da *Enciclopédia*, uma vez que nosso trabalho visa divulgar a ciência por meio da própria apresentação do pesquisador. Não se trata, portanto, de divulgação científica realizada em mídias especializadas em jornalismo científico.

O conhecimento não se formula fora da historicidade em que é produzido, logo, está em relação constitutiva com os efeitos ideológicos que constituem e delimitam o lugar e a circulação da produção científica. Falar de produção científica e de divulgação de ciência é levar em consideração as formas de estabelecimento de relações com políticas de Estado, com a sociedade e com a universidade. É importante destacar que a universidade, as associações científicas, os congressos e as publicações são lugares privilegiados de disciplinarização, circulação e transmissão da ciência.

Além disso, nos dias atuais, ainda no que tange à produção e circulação de conhecimento de um modo geral, a velocidade da internet é outro aspecto que precisa ser considerado como parte dos efeitos de historicidade, pois, ao ser incorporada ao trabalho científico, a internet vem produzindo uma diluição nas formas do pensar teórico, e a pesquisa, muitas vezes, fica reduzida a *sites* de busca de ‘informações’, com textos obscuros e pouco confiáveis. Referimo-nos, aqui, aos efeitos da internet que produzem o que Orlandi (2012) chama de “intelectual de internet”. A Análise do Discurso vem discutindo e teorizando o funcionamento da internet e de seus efeitos na construção de arquivos digitais, na constituição da memória metálica (ORLANDI, 1998) e na difusão de conhecimento.

Do ponto de vista discursivo, o conhecimento produzido é realizado em condições de produção que permitem inscrevê-lo (ou não) na rede de saberes de uma sociedade para assim fazê-los (ou não) circular. Isso não é sem uma política de Estado que regula, por meio de órgãos de fomento, o que pode e deve ser pesquisado, o que pode e deve ser divulgado. Nos dias de hoje, a política de Estado imposta para a universidade brasileira avança sobretudo pela superespecialização, ou seja, um conhecimento disciplinar e, por que não dizer, disciplinado, segregado e com fronteiras bastante policiadas (SANTOS, 2008, p. 74). O excesso de disciplinarização do saber científico e a implementação de prazos exíguos para cumprimento de metas exigidas pelas políticas científicas correspondem a critérios que vêm das agências de fomento, responsáveis pelas bolsas distribuídas e pelos recursos que permitem o (bom) funcionamento dos programas de pesquisa. Para além dos efeitos na própria produção de conhecimento, essas políticas produzem efeitos na formação de estudantes que entram em uma pós-graduação. Como nos adverte Boaventura de Sousa Santos, a excessiva disciplinarização faz do cientista um “ignorante especializado”. (SANTOS, 2008, p. 74)

Divulgação de ciência e novas tecnologias

As tecnologias da linguagem, ao longo de séculos, vêm revolucionando o modo de o homem se relacionar com as línguas e com o mundo.

Como já foi discutido em outros textos (MARIANI, 2016, 2004), de acordo com Auroux (1998), as ciências da linguagem têm em sua base três revoluções tecnocientíficas: a invenção da escrita, a gramatização das línguas e o tratamento automático da linguagem. A revolução tecnológica da gramatização trouxe duas tecnologias fundamentais para a constituição das ciências modernas: a gramática e o dicionário. O acontecimento dessas duas primeiras revoluções tecnocientíficas – escrita e gramatização – está articulado a outras tecnologias as quais, na história da humanidade, são suporte para a sua consolidação: o pergaminho, o papel, o livro, o gravador de voz e, a partir do século XX, o computador, ou, no século XXI, o *tablet*, o *iphone* etc. Para Auroux (1998), a invenção da escrita consolida a gramatização das línguas a partir da invenção de gramáticas e dicionários, instrumentos linguísticos que

passam a funcionar em políticas nacionais de alfabetização, por exemplo. Já o tratamento eletrônico da informação apresentado consiste na mecanização de formas privilegiadas da comunicação humana (AUROUX, 1998, p. 269) e vem modificando formas de relações entre sujeitos. São revoluções que alteram profundamente, de acordo com Colombat, Fournier e Puech (2010), a ecologia das línguas (MARIANI; MEDEIROS, 2016).

É, portanto, indissociável a produção e circulação do conhecimento de tais domínios técnico-tecnológicos que viabilizaram e afetaram a própria formulação do saber científico. Da mesma forma, é fundamental a análise dessa produção de conhecimento em relação ao domínio que a possibilitou. Essas três revoluções, portanto, continuam demandando trabalhos críticos no campo dos estudos linguístico-discursivos a serem desenvolvidos por pesquisadores da área, pois para além do conhecimento técnico, a tecnologia, seja ela qual for, só se realiza quando fundamentada em um conhecimento científico.

A compreensão do discurso de divulgação de ciência como uma produção discursiva marcada pela formação social em que se inscreve e pela historicidade que a constitui é crucial no projeto da *Enciclopédia*. Considerando a opacidade da linguagem e, considerando que, no processo de constituição mútua entre linguagem e história, há direcionamentos de sentidos, portanto, há gestos de interpretação, para a Análise do Discurso, o discurso de divulgação científica pode ser compreendido como o estabelecimento de relações discursivas – em termos das formações imaginárias (PÊCHEUX, 1990 [1969]) – entre o discurso científico e o da divulgação científica (ORLANDI, 2004). Tais relações podem estabelecer movimentos de afastamento, aproximação, assimilação, antagonismo e absorção, entre outras.

Para nós, trata-se de fazer divulgação de ciência em um formato que dá voz ao próprio pesquisador. A tecnologia de linguagem que propicia esse formato, por sua vez, não pode ser ingenuamente pensada como um mero artefato digital. Como afirma Dela Silva sobre os vídeo-verbetes, não se trata de pensá-los como simples produtos, mas sim de compreendê-los como resultado de uma prática que, “embora pressuponha uma técnica, ganha existência por sujeitos que se constituem sócio-historicamente e, como tal, produz sentidos.” (DELA SILVA, 2016, p. 77). Em outras palavras, em se tratando de vídeo-verbetes, entra em jogo uma memória discursiva relativa aos sentidos sobre “vídeo”, ou seja,

sentidos sobre imagem a partir do que já circula no meio audiovisual. Ao mesmo tempo, entra em jogo também uma posição diferenciada, pois são vídeos que partem de uma tecnologia e instauram um lugar possível de divulgação de ciência. É, ainda Dela Silva que afirma: “...o analista [de discurso] na posição de sujeito produtor de tecnologia, no caso, ao produzir vídeos, coloca-se no lugar da formulação de discursos (...)”. (DELA SILVA, 2016, p. 87).

O desafio, no momento atual, encontra-se na teorização do processo de legendagem em língua estrangeira, como veremos a seguir.

O processo de tradução e a legendagem

A tradução é milenar. Cícero, na Antiguidade, já discutia a forma como deveriam ser realizadas as traduções, propondo-as também como forma de sobrepujar a cultura grega. As fundamentações de questões religiosas e espirituais desde sempre passaram pela tradução (e/ou sua proibição), conforme abordam as pesquisas sobre a tradução de textos sensíveis, como a Bíblia, o Bhagavad-Guíta e o Alcorão. A tradução literária, por sua vez, desde tempos remotos, promove a sobrevivência das obras literárias, tendo, inclusive, contribuído para a emergência de literaturas e línguas nacionais. Menos conhecido e discutido, talvez, seja o papel da tradução na disseminação do conhecimento, a qual teve lugar muito antes da revolução da informática, que, por seu turno, conduziria à internet, hoje portátil, dos *smartphones* e *tablets*.

Salama-Carr (1998) discute que, desde a invenção da escrita, as traduções ocuparam grande espaço na busca pelo conhecimento técnico e científico. O desenvolvimento do que hoje chamamos “ciência” vem ocorrendo há séculos, sendo o processo de apropriação de “descobertas alheias” o motor não apenas para a sua disseminação, mas também para a sua produção. O papel dos tradutores nesse sentido se deu para além da circulação do conhecimento entre os cientistas; os tradutores acabaram se transformando em educadores, promovendo a difusão de conhecimento também para um público não especializado. Além disso, a prática da tradução, desde os seus primórdios, envolvia o comentário, tornando obscura a diferença entre a reprodução e a criação dos saberes científicos. No processo de disseminação, o tradutor também passou a produzir ciência (SALAMA-CARR, 1998, p. 113-114).

Os tradutores, portanto, desde sempre, atuaram como “polinizadores da ciência” (FISCHBACH apud SALAMA-CARR, 1998, p. 114), sendo as línguas “de saber” alternadas no eixo do tempo e do espaço:

Examinando a atividade da tradução ao longo dos séculos, podemos traçar um mapa da migração do conhecimento e da cultura dos centros mais importantes da Ásia (a China e a Índia) para a Grécia, do Oriente Médio para a Europa e depois para as Américas. Desde os tempos da antiga Grécia, certas cidades se destacaram como pontos de convergência de culturas, onde estudiosos e tradutores se encontravam. A tocha do conhecimento passou por Atenas, Alexandria, Roma Bizâncio, Edessa, Jundishapir, Bagdá, Córdoba, Toledo, Salerno, Florença, Paris e Londres. Da Antiguidade até o presente, a língua da ciência no Ocidente e no Oriente médio foi, sucessivamente, o grego, o árabe, o latim e o inglês (SALAMA-CARR, 1998, p. 14).

As primeiras atividades tradutórias na China, por exemplo, datam de 3100 anos, sendo a tradução para difusão de conhecimentos estrangeiros realizada a partir da dinastia Han (206 a.C.). Na Índia, a tradução sempre teve papel importante para a vida intelectual. De acordo com Salama-Carr (1998), teorias médicas de origem indiana podem ser encontradas em obras de enciclopedistas e médicos romanos, em obras de médicos gregos, bem como no *Timeu*, de Platão (p. 120). Já em Bagdá, nos séculos IX e X, formou-se um centro de tradução cujo objetivo era a tradução de obras científicas e filosóficas do grego para o árabe, tendo exercido profunda influência no mundo islâmico (p. 124). A Escola de Toledo, por sua vez, outro importante centro de tradução, desta feita na Espanha dos séculos XII e XIII, teve papel fundamental para a circulação de conhecimento científico na Europa medieval (p. 128). Avançando no tempo, a inovação dos tempos atuais, então, dá-se pelo uso das novas tecnologias, principalmente a internet, a qual permite uma disseminação quase que instantânea dos saberes científicos. Cabe ser acrescentado que, a partir de meados da

década de 1940, verifica-se um predomínio da língua inglesa como língua da ciência.³

O projeto em curso, como já foi dito, envolve a produção, a gravação e a edição de vídeo-verbetes de uma *Enciclopédia audiovisual virtual*. A discussão da construção de tal instrumento linguístico tem relação direta com uma investigação a respeito da divulgação de ciência e também da produção e da inserção de legendas em língua portuguesa⁴ e em línguas estrangeiras. Portanto, de acordo com a nomenclatura de Jakobson (2010), o trabalho envolve a tradução intralingual – ou seja, dentro de uma “mesma” língua (português à português) e a tradução interlingual – da língua portuguesa para outras línguas (inglesa, francesa e espanhola, respectivamente). Seja como for, para ambas as tipologias, trataremos do campo da tradução audiovisual, mais especificamente, da legendagem, considerada por Gotlieb (1994) como uma tradução diagonal, ou seja, uma tradução de um texto produzido na modalidade oral para uma tradução realizada na modalidade escrita. A primeira grande questão que emerge é a da diferença entre oralidade e escrita, devendo ser destacado que, no caso da língua portuguesa do Brasil, há um abismo entre as modalidades oral e escrita, sobretudo se considerarmos a variante padrão da língua portuguesa. Logo, como traduzir e legendar?

No caso das línguas estrangeiras, ainda que a questão oral *versus* escrita se coloque, dois pontos são particularmente importantes: i) qual língua estrangeira? (qual inglês? qual francês? qual espanhol?); ii) devemos privilegiar as questões lexicais e sintáticas da língua de partida (o português brasileiro) ou da língua de chegada (a língua estrangeira)?

Para começar a responder tais perguntas, vamos nos valer, em um primeiro momento, de propostas teóricas do campo dos Estudos da Tradução, a

³ Por questões de espaço, não entraremos neste artigo na problematização sobre o inglês como língua franca, o que envolve questionamentos a respeito do que hoje vem sendo chamado de “inglês internacional”, por exemplo. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que tal discussão tem presença no projeto, até no que tange à tomada de decisões sobre a legendagem em inglês, o que, como defende um projeto realizado em ambiente acadêmico, propicia a discussão de questões de ordem política (a saber, a de marcar-se na legenda/tradução um pensamento de cunho brasileiro).

⁴ A legendagem para a língua portuguesa teve início em meados de 2017, estando em estágio inicial.

começar pela da *reescrita* e da *patronagem*, de Lefevere (1992). Para o estudo, a tradução é uma forma de reescrita, delineada pelo contexto ideológico. A tradução, portanto, representa uma forma de adaptação de uma determinada obra estrangeira para um público outro, sendo manipulada pela estrutura de valores do novo contexto receptor, tendo um importante papel na disseminação de obras literárias. Levando para o campo da divulgação científica, o mesmo princípio pode ser aplicado, ou seja, os reescritores/tradutores de ciência manipulam os textos de partida de acordo com as ideologias de seu tempo e espaço, o que, forçosamente, no caso da *Enciclopédia*, implica a consideração tanto do contexto de partida quanto do contexto de chegada (português → português; português → inglês; português → espanhol e português → francês).

A patronagem, por sua vez, pode ser entendida como o poder que, exercido por instituições, pessoas, partidos políticos, classes sociais, editores e mídia, determina o que é permitido ou proibido em termos de literatura. Os profissionais ligados a uma reescrita estão diretamente ligados “à ideologia dos patrocinadores que dominam a fase histórica do sistema social no qual o sistema literário está incluído” (LEFEVERE, 1992, p. 15). Não podemos esquecer que uma tradução é realizada se é encomendada/patrocinada. Dessa forma, segundo Mello (2010, p. 30), com base em Lefevere (1992):

A aceitação de um patrocínio implica que escritores e reescritores trabalhem dentro dos parâmetros estabelecidos pelos patrocinadores. Ainda que não haja a participação de um patrocinador na forma de uma figura humana determinada, todo e qualquer tradutor estará sempre sujeito à ideologia do tempo e lugar em que se encontra. O texto-meta, portanto, constitui um produto das circunstâncias sócio-históricas e ideológicas.

No caso da tradução/legendagem da *Enciclopédia*, a questão do patrocinador tem relação direta com o LAS, que “encomenda” a tradução ao Labes-trad/UFF, e também com as convenções de tradução e legendagem, as quais têm papel determinante na aceitação ou não das legendas a serem produzidas. O primeiro, o LAS, implica que os tradutores/legendadores considerem os

objetivos do projeto da *Enciclopédia*, o que, por sua vez, envolve as posturas teórico-metodológicas da AD francesa, incluídos aí os posicionamentos referentes à divulgação científica. Já o segundo, relativos às convenções, envolve o que é tido como hegemônico para a produção e a aceitação de traduções para divulgação de ciência no Brasil e no exterior, bem como o que é convencionalizado no que tange à produção e à recepção da legendagem, novamente no Brasil e no exterior. Em outras palavras, estão em jogo os objetivos e as concepções ideológicas do ponto de vista das teorias, mas também da prática da tradução, que dão forma, na construção da *Enciclopédia*, ao que é aceito ou não em termos de tradução, legendagem e escrita científica, bem como o público receptor; são as variantes que o tradutor/legendador precisa, de algum modo, considerar em sua práxis tradutória. Contudo, como se trata de um projeto acadêmico, proposto como forma de pensar questões de linguagem, dentro de uma universidade pública, as hegemonias podem ser questionadas por meio do debate conjunto entre os dois laboratórios. Como no passado, trata-se dos pesquisadores e dos tradutores/legendadores também produzindo “ciência”.

Outro teórico da tradução importante para as discussões referentes ao projeto é Venuti (1995, 2002). Para o tradutor e estudioso, com base no pensamento alemão, mais precisamente de Schleiermacher (1813), seriam duas as estratégias tradutórias possíveis: a da *domesticação* e a da *estrangeirização*. A domesticação consiste na facilitação da leitura, com a eliminação de elementos que possam dificultar ou obstruir o entendimento do leitor. Logo, trata-se de uma estratégia que privilegia a fluência e, com ela, o contexto receptor: “quanto menos canhestra, estranha e ambígua for uma tradução, mais legível será e, portanto, mais ‘consumível’ se tornará como produto” (VENUTI, 1995, p. 117). A estrangeirização, por outro lado, caracteriza-se pela manutenção da diferença, ou seja, pela importação de padrões ideológicos e linguísticos, produzindo quebras na leitura e, com isso, demonstrando que o texto não foi originariamente escrito na língua e cultura domésticas. O objetivo, então, deixa de ser uma representação transparente da cultura de partida, mas passa a ser o de prover uma manifestação de valores divergentes. Venuti (1995) chama a atenção para o fato de que o contexto anglo-americano tem como tendência hegemônica a domesticação, tanto no que se refere à produção quanto à

recepção de traduções. Venuti elege a estrangeirização como “uma forma de resistência ao etnocentrismo e ao racismo, ao narcisismo cultural e ao imperialismo, conforme interesses das relações geopolíticas democráticas” (VENUTI, 1995, p. 20). Contudo, o teórico reconhece que toda tradução, inevitavelmente, constitui uma domesticação, “inscrevendo [nos textos estrangeiros] valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas” (2002, p. 129).

No caso da *Enciclopédia*, para além de uma decisão sobre “domesticar ou estrangeirizar”, o foco é a discussão e as decisões a serem tomadas durante o processo de tradução-legendagem caso a caso, ou melhor, a cada vídeo-verbete. Entendemos que regras de caráter muito generalizante podem vir a silenciar especificidades enunciativas dos sujeitos-pesquisadores. Mais uma vez, como dissemos na primeira parte desse artigo, em Análise do Discurso, o processo de formulação e circulação faz parte do produto final.

Se, por um lado, é necessário para o Labestrad/UFF não perder de vista questões referentes à aceitação das traduções/legendas por um público receptor (doméstico, no caso da tradução intralingual; e estrangeiro, no caso da tradução interlingual), por outro lado, entendemos que os objetivos de produção da *Enciclopédia* devem também ser considerados, sendo que, como já abordado, há espaço para a problematização bem como para a resistência a valores já instituídos. Assim, para pensar a tradução/legendagem, é preciso questionar: traduzir o quê?; traduzir para quem? Cabe, portanto, estar sempre revisitando o projeto da *Enciclopédia*.

Segundo Lunkes (2016, p. 27), sobre a primeira etapa de construção da *Enciclopédia*, quando havia financiamento da FAPERJ, já estava prevista a legendagem de todos os vídeos para o inglês e o espanhol, “considerando que a presença desses vídeos na internet pode alcançar estudantes de universidades não brasileiras”. A sequência destacada sugere que, para a legendagem em línguas estrangeiras, o público imaginado é o acadêmico, porém, não apenas de estudiosos acadêmicos, mas também de estudantes universitários. Logo, os vídeos-verbetes não fazem parte da divulgação científica entendida como “jornalismo científico”, para o qual é convencionalizado o uso de uma linguagem bem mais simples e acessível. Por outro lado, o fato de os vídeos serem disponibilizados *on-line* e, portanto, para um público em potencial bem mais

amplo do que o imaginado, bem como terem estudantes como público final, algum grau de “popularização” dos termos, conceitos e pesquisas de Análise do Discurso está, de alguma forma, envolvido, o que explica o uso de um registro, ao mesmo tempo, formal e semiformal.⁵ No caso de contextos de língua inglesa, principalmente o britânico e o estadunidense, soma-se, ainda, a questão da falta de costume com a leitura de legendas como importante para a definição das estratégias tradutórias.

O que foi colocado até aqui talvez aponte para um processo domesticador de tradução, até para que a característica de divulgação seja, por assim dizer, facilitada. No entanto, gostaríamos de salientar que a própria construção do que seja “ciência” e “divulgação” são pontos de discussão no âmbito do projeto da *Enciclopédia*. Além disso, o próprio campo da Análise do Discurso é construído a partir da ruptura, tomando como objetos de investigação também o equívoco, a falha, a contradição, tomados como próprios dos sujeitos e dos discursos. Como aponta Costa (2016, p. 118), o gesto de construção da *Enciclopédia* abrange a produção de uma reflexão, bem como:

[...] pôr em circulação um dizer científico que possa dar a ver as lacunas, os buracos nos quais sentidos e sujeito tropeçam, os vazios, os silenciamentos, os já-ditos, o efeito de evidência que se apresentam como uno [e] conceber e aceitar que há pedras no meio do caminho dos sentidos.

Logo, não se trata de tomar a língua como transparente e, acrescentamos, nem de pensar a tradução/legendagem como processo de substituição de palavras. Se toda tradução pressupõe alguma domesticação, pensar o processo de tradução e legendagem nos termos da Análise do Discurso é também propor a estrangeirização, não somente no sentido de um diálogo intercultural, objetivando-se o modo de dizer de pesquisadores brasileiros, mas como uma proposta que toma como relevante aquilo que tropeça – as hesitações, as reconstruções, os circunlóquios etc.

⁵ Ver o trabalho de Gian Luigi de Rosa, apresentado na *Jornada Discurso Científico, Tradução e Legendagem*, promovido pelo LAS e pelo Labestrad/UFF, em 05 de setembro de 2017.

Contudo, uma vez mais, vale lembrar que a tradução para legendas é uma modalidade diagonal, na qual um texto oral será transformado em texto escrito, e isso faz com que haja “pedras no meio do caminho”. Segundo Martinez (2007, p. 37), com base em Schwarz (2002), um dos maiores problemas é a diferença existente entre a velocidade da fala e a velocidade de leitura: a primeira é, frequentemente, bem mais rápida do que a segunda, não sendo possível “uma transcrição completa do roteiro original”. Além disso, as limitações de espaço na tela e o ritmo da fala “exigem uma redução considerável do texto, [pois] o que rege o tempo de permanência de uma legenda na tela é o áudio original” (MARTINEZ, p. 37). Desse modo, a legendagem envolve, obrigatoriamente, a síntese. A legendagem, portanto, apresenta suas especificidades, tais como a velocidade de leitura do espectador (por exemplo, o público estadunidense não está acostumado a legendas, logo, pressupõe-se que a velocidade de leitura será menor), a sincronia tempo/espaço (por exemplo, uma fala muito rápida irá implicar um volume de texto maior por segundo, no entanto, o espaço da tela é limitado, bem como o tempo que uma legenda pode ficar na tela até que outra sequência seja verbalizada), o número máximo de caracteres em tela (como já dito, o espaço em tela é limitado e, além disso, o número de caracteres nas legendas será compatível com a velocidade de leitura do espectador, sendo, portanto, limitado), a marcação (determinação dos tempos de entrada e saída de uma legenda, os quais acompanham o ritmo da fala) e o tempo de exposição em tela (que se relaciona com o tempo de fala do texto de partida oral), para citar algumas.

Em termos gerais:

[...] o ideal é que cada legenda seja um bloco coeso de significado, uma unidade inteligível e completa, com no mínimo uma linha e no máximo duas linhas de texto traduzido. Para isso, o legendador deve ter a capacidade de decidir como vai traduzir o texto fonte e seus elementos constituintes e o que vai deixar de fora com base no tempo e no espaço que tem disponível. No Brasil, de forma geral, trabalha-se com o parâmetro de quinze caracteres por segundo (CPS). (MARTINEZ, 2007, p. 39)

Martinez comenta, ainda, que, no Brasil, a média é de 32 caracteres por linha de legenda, duas linhas de legenda por bloco e que adaptações deverão ser feitas no caso de culturas não acostumadas a legendas. Para a *Enciclopédia*, no que tange aos parâmetros, uma vez que não há trocas de turnos e nem alteração no cenário, o público-alvo é acadêmico (estudiosos e estudantes) e os vídeos-verbetes poderão ser pausados, consideramos ser possível trabalhar com um número maior de caracteres por segundo. Em vez de 32 caracteres por linha, optamos por usar uma média de 37 caracteres por linha de legenda, sendo que, em momentos específicos, esse valor poderá atingir até 40 caracteres,⁶ desde que haja algum tipo de compensação (as legendas imediatamente anteriores ou posteriores serão mais curtas). No que tange à síntese, entendemos que a velocidade de leitura do espectador é relevante, logo, utilizamos a síntese como forma de produzir legendas mais legíveis, porém não seguimos todas das convenções de tradução para legendas em todos os segmentos. Assim, deixamos algumas das repetições, hesitações, pausas e reconstruções: as três últimas pelo uso das reticências e a primeira pela manutenção das palavras repetidas, ainda que tenha aumentado o número de caracteres na tela. Essa foi a forma encontrada para lidar com as idiosincrasias de cada pesquisador dos vídeos.

Palavras finais

O trabalho de construção da *Enciclopédia* ainda está em curso, com muitas questões sendo formuladas e discutidas. Entre elas, destacamos aquelas relativas, por exemplo, à produção da chamada “escrita científica” (*scientific writing*). Em pesquisas como as de Mello e Monteiro (2017), foram observadas regras do “bem-escrever” no que tange à escrita científica, também com uma prescrição do que deveria ser usado ou evitado em termos de tradução de textos científicos. Entre as regras, destacamos o uso da voz ativa nas traduções para o inglês, mesmo que, no texto de partida (em português), esteja a voz passiva. Segundo os manuais e palestras consultados, a voz ativa em língua

⁶ Confirmamos com Martinez, durante a oficina de legendagem por ela ministrada em 2017, no âmbito do projeto, na UFF (Campus do Gragoatá), que um número maior de caracteres já vem sendo utilizado na rede por ser possível ao telespectador controlar a exibição do vídeo *on-line*.

inglesa é entendida como a mais “direta”, “clara” e “precisa”, permitindo uma “comunicação mais eficaz” (MELLO; MONTEIRO, 2017, p. 10).

Quanto ao processo de tradução-legendagem proposto, cabe pensarmos as questões de poder envolvidas na escrita científica, bem como as concepções de língua que atravessam esses modos de compreender a tradução e a produção de sentidos. Acreditamos, no entanto, já ser possível vislumbrar os desdobramentos do trabalho conjunto que ora apresentamos e que une não apenas dois laboratórios universitários em estudos de linguagem, mas duas áreas – Análise do Discurso e Estudos da Tradução – cujo ponto central é o entendimento do conceito de “língua”.

Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie e PUECH, Christian. *Histoire es idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

COSTA, Marcos de Sá. “Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre (condições de produção do discurso de) divulgação científica na contemporaneidade”. In: MARIANI, Bethania. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016. p. 106-120. <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/5-enciclopedia/22-enciclopedia-virtual-ad-investigacao-inovacao-divulgacao, 12/02/2017>.

DELA SILVA, Silmara. “De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente.” MARIANI, Bethania. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016. p. 77 a 91. <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/5-enciclopedia/22-enciclopedia-virtual-ad-investigacao-inovacao-divulgacao, 12/02/2017>.

FLORES, Giovana Benedetto; LOPES, Antônio Carlos Cândido e Caetano, Roger Maurício. “A revista *Ciência em curso* e a divulgação científica do patrimônio”. In *Ciência em curso*. Revista científica do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UNISUL. V. 1, n. 1, 2012., p. 1 a 9.

GUIMARÃES, Eduardo. A ciência entre as políticas científicas e a mídia. In: _____. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia e sociedade* (v.1). Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 73-79.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Linguísticos da Tradução. In. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1969] 2010. p. 63-86.

GOTTLIEB, Henrik. Subtitling: diagonal translation. *Perspectives studies in translatology*, 2: 101-121, 1994.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London/New York:Routledge, 1992.

LUNKES, Fernanda. L. “Considerações sobre a construção da *Enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso*” In: MARIANI, Bethania. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016. p.25-39. <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/5-enciclopedia/22-enciclopedia-virtual-ad-investigacao-inovacao-divulgacao>, 12/02/2017.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. (Org.) *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016. <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/5-enciclopedia/22-enciclopedia-virtual-ad-investigacao-inovacao-divulgacao>, 12/02/2017.

_____; MEDEIROS, Vanise. “Linguagem, conhecimento e tecnologia: a Enciclopédia audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins.” In *Revista Linguagem e Ensino*. Número especial. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL, segundo semestre 2016.

MARTINEZ, Sabrina. *Tradução para legendas: uma proposta para a formação de profissionais*. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MELLO, Giovana C. C. de. *Assimilação e Resistência sob uma perspectiva discursiva: o caso de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

_____; MONTEIRO, Sandra H. C. A tradução científica e o controle do dizer.“ In. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. UFF: Niteroi, 2017 (no prelo).

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2.ed. Petrópolis: vozes, 1998.

_____. *História das Ideias Linguísticas*. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. “Linguagem, ciência, sociedade: o jornalismo científico”. In: Orlandi, Eni (org.) *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004, p. 129 a 147.

_____. *Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, [1975], 1988.

ROSA, Gian Luigi de. Legendar o discurso científico entre problemáticas tradutórias e tipologias textuais (comunicação). In JORNADA DISCURSO CIENTÍFICO, TRADUÇÃO E LEGENDAGEM, 2017, Niterói.

SALAMA-CARR, Myriam et al. Os tradutores e a disseminação do conhecimento. In. DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. de Sérgio Nath. SP: Ática, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortes, 2008.

VENUTI, L. *The translator's invisibility: a history of translation*. London, New York: Routledge, 1995.

_____. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin et ali. Baurú, SP: EDUSC, [1998] 2002. p.129-167.

**FOR A SCIENTIFIC DISSEMINATION PROPOSAL.
THEORIZATION AND PRACTICE. ON THE
CONSTRUCTION OF THE VIRTUAL AUDIOVISUAL
ENCYCLOPEDIA OF DISCOURSE ANALYSIS AND
RELATED AREAS**

ABSTRACT

Stemming from the revision of the forms different kinds of knowledge about languages are constituted and from the theoretical work that articulates Discourse Analysis, this paper discusses the Virtual Audiovisual Encyclopedia of Terms, Concepts and Researches in Discourse Analysis and Related Areas, created by LAS/UFF, and the process of its translation through the partnership with Labestrاد/UFF, aiming at the dissemination of video-recordings with subtitles in English, French and Spanish.

KEYWORDS: Encyclopedia; Scientific Dissemination Discourse; Translation and Subtitling